

# Manual da paixão solitária, de Moacyr Scliar, e o percurso hermenêutico: da Bíblia Sagrada à visão sobre temas polêmicos\*

Eunice Piazza Gai\*\*  
Silvia Raquel Rocha\*\*\*

## Resumo

O trabalho apresenta uma interpretação da narrativa *Manual da paixão solitária*, de Moacyr Scliar, a partir da abordagem de alguns temas que podem ser considerados polêmicos ou complexos no âmbito da cultura ocidental. São eles, o homossexualismo, a masturbação e a condição feminina. Busca estabelecer relações entre o conteúdo do capítulo 38 do *Livro do Gênesis*, do *Antigo Testamento* e o do romance de Scliar que nele se inspira. Evidencia a principal característica do romance que se tece a partir do preenchimento das lacunas deixadas pelo breve episódio narrado na *Bíblia Sagrada*. Vale-se de uma perspectiva hermenêutica que busca fazer um percurso semelhante ao que o romancista empreendeu em relação ao texto bíblico, no intuito de refletir acerca da visão dos temas polêmicos expressa na obra romanesca.

## Palavras-chave

Hermenêutica; narrativa; Bíblia; temas polêmicos

## Abstract

The paper presents an interpretation of the narrative novel *Manual da paixão solitária* (Manual on Solitary Passion's) by Moacyr Scliar, from the approach of some topics that may be considered controversial or complex in the context of the Western culture. They are homosexuality, masturbation and the female condition. It aims to establish relationships between the content of chapter 38 of Genesis, in the Old Testament, and the Scliar's novel which is inspired by the book of Genesis. It highlights the main feature of the romance that is woven from filling the gaps left by the brief episode narrated in the Holy Bible. It is a hermeneutic perspective that aims to make a similar path to which the author has undertaken in relation to the biblical text in order to reflect on the view of controversial issues expressed in the romanesque novel.

## Keywords

Hermeneutics; narrative; Bible; polemic topics

## Introdução

Nesse artigo buscamos evidenciar o processo hermenêutico de que se vale Moacyr Scliar na construção da narrativa *Manual da paixão solitária*, texto inspirado no capítulo 38 do Livro do Gênesis, do *Antigo Testamento*. Nossa intenção é de também empreender uma ação hermenêutica voltada para a narrativa de Scliar; nesse sentido, enfocamos alguns temas tratados na obra, considerados polêmicos, porque instauram a diferença em relação aos comportamentos e relações afetivas no âmbito familiar e social. Aqui, consideramos como tais o homossexualismo, a masturbação e a condição feminina.

A hermenêutica configura-se como um método que permite o aprimoramento cognitivo, numa espiral de possibilidades interpretativas que ampliam os horizontes de conhecimento do homem diante de si e do mundo. Nesse sentido, entendemos a hermenêutica tal como proposto por Paul Ricoeur em *Existência e Hermenêutica* (1978, p.7-26), para quem toda hermenêutica é, explícita ou implicitamente, compreensão de si mesmo mediante a compreensão do outro e toda interpretação se propõe a vencer um afastamento, entre a época cultural à qual pertence o texto e o próprio intérprete. Assim, organizamos a interpretação da narrativa de Scliar, buscando realizar o mesmo exercício hermenêutico empreendido pelo autor em relação à narrativa bíblica, que também trata dos mesmos temas.

Paul Ricoeur (1977) aborda a importância dos elementos envolvidos na literatura: o autor, o texto e o leitor; considera o texto narrativo como forma de ampliar as possibilidades de o sujeito se constituir, mediante a abertura de novos mundos. Ele adota a definição de que a hermenêutica é a teoria das operações da compreensão em sua relação com a interpretação dos textos, valorizando o mundo da obra em direção ao mundo que ele abre.

A metodologia de Ricoeur busca o humano pela via da interpretação. As expressões humanas são para o autor um texto a ser interpretado, e o acesso a essas expressões é mais seguro por meio da sua linguagem, dos seus símbolos e mitos. A hermenêutica é, então, a arte de discernir o discurso na obra, lembrando que esse discurso se verifica nas estruturas da obra e por elas. Tendo essa perspectiva como guia, procuramos desenrolar a trama de *Manual da paixão solitária* considerando, entre as suas possibilidades de abordagem, a questão dos temas polêmicos.

## 1. Moacyr Scliar e a Bíblia

A *Bíblia* é, indiscutivelmente, uma das grandes obras da literatura universal. Sua riqueza metafórica, imagística, fantástica e seus estilos de prosa foram poucas vezes alcançados por outras narrativas da tradição. Como antologia histórica de escritos hebreus que abrangem 900 anos, reflete pontos de vista de muitos escritores discordantes entre si, mas isso não compromete a sua autoridade enquanto coleção de trabalhos literários; ao contrário, a sua heterogeneidade aprimora o interesse dos leitores. Moacyr Scliar tem nela uma significativa fonte de inspiração. Ele começou a escrever nos anos de 1960 e sua produção inclui romances, crônicas, contos e ensaios - atualmente ele coleciona mais de 80 títulos publicados no Brasil e no exterior – sendo possível detectar esse diálogo com as narrativas bíblicas em vários textos escritos por ele.

O autor admite que a *Bíblia* foi uma influência importante para o seu ofício de escritor, mas a leitura realizada por ele é uma leitura que focaliza o registro literário e não o caráter sagrado e incontestável que lhe é atribuído. Podemos dizer que Scliar se encaixa no ditado que diz que quem conta um conto aumenta um ponto, quando nos entrega uma hermenêutica das Escrituras, na qual abre versões diferentes para um passado tido como consagrado, possibilitando a relativização de posições fixadas por uma herança cultural fortemente arraigada.

Moacyr é um experiente narrador, um contador de histórias. Sua vasta produção oferece e resgata muitas histórias, assim como transforma algumas delas com enorme criatividade. É o caso de *Manual da paixão solitária*, onde, a partir de uma pequena passagem do *Livro do Gênesis* compõe uma narrativa plena de detalhes. Scliar prioriza a voz para as personagens que não a tiveram no relato bíblico, de modo a oferecer outra perspectiva dos acontecimentos, subvertendo o sentido tradicional e, muitas vezes, dando ao relato um ar mais leve, conferido pelo humor e por outras características que lhe são peculiares, como a ironia, a simbologia dos mitos e as criações fantásticas.

O romance recupera a história de Tamar e de Shelá, a partir do pergaminho de Shelá, encontrado numa caverna de Israel. Judá, um dos irmãos de José, é pai de três filhos: Er, Onan, Shelá. Os filhos crescem e Judá arranja uma esposa, Tamar, para o primogênito Er, que morre sem engravidá-la. De acordo com a tradição, se o irmão mais velho falecia sem deixar filhos, competia a seu irmão ter relações com a viúva de modo a assegurar a progênie. Mas Onan, sabendo que o filho de Tamar não seria considerado dele,

cumpra seu dever de forma parcial, derramando seu sêmen na terra, praticando o coito interrompido, o que também acarreta a sua morte. Resta o terceiro filho, Shelá, mas Judá, temeroso de que o rapaz tenha a mesma sorte dos irmãos, pede a Tamar que espere algum tempo. Tamar não aceita de bom grado a decisão e arma um plano que envolve o próprio Judá no cumprimento da progênie. Por esta gravidez, Tamar é condenada à morte. Tamar, então, revela que o pai do filho que traz no ventre é o próprio patriarca. Judá reconhece que foi enganado e assume a paternidade.

Na narrativa ora analisada, a situação intradiegética aponta como fonte do relato o pergaminho de Shelá, encontrado numa caverna em Israel; a situação extradiegética aponta como fonte o capítulo 38 do Livro do Gênesis. O recurso utilizado, ou seja, a narração a ser feita a partir da leitura do manuscrito de Shelá, que resgata a voz de uma entidade milenar já desaparecida, mas evocada pelo resgate de sua memória, parece corroborar a velha técnica de naturalizar a narrativa, citada por Roland Barthes (2008), fingindo dar-lhe uma situação natural tal como “romances por carta, manuscritos reencontrados, autor que encontrou o narrador, filmes que lançam sua história antes dos letreiros” (p.55), indicando que Scliar estima as formas mais modestas, mas nem por isso menos eficazes de se instalar o código narrativo.

## **2. As partes pelo todo: os temas polêmicos**

A narrativa de Scliar nos apresenta, a partir do relato bíblico do *Livro do Gênesis* (Gn, 38, 1-30), uma abordagem instigante, porque permeada pela ironia, a respeito de temas como o homossexualismo, a masturbação e a condição feminina; designamos como polêmicos esses temas que provocam discussão e controvérsia quando se trata da aceitação de alguns modos de comportamento e de direcionamento do desejo no âmbito social e familiar. A respeito deles, perpassa ainda no imaginário certa herança bíblica que “condena” as práticas homossexuais ou da masturbação e cultiva o receio em relação ao “poder” feminino de gerar a vida.

Scliar transforma uma história curta, embora cheia de entrelinhas, em uma história com muitos detalhes, permitindo que o leitor se depare, através da vivência das personagens, com sentimentos e emoções que são inerentes aos seres humanos de todos os tempos, como o amor, o desejo, o ódio, a inveja, o ciúme, a compaixão, o orgulho e a resignação.

Ao analisarmos *Manual da paixão solitária*, também nos parece ser o desenvolvimento da tolerância um conteúdo subjacente, partilhado com o respeito à alteridade e às diferenças, ainda que a estrutura do texto articule elementos que garantam o distanciamento do autor diante do que não pode ser diferente.

## 2.1 O homossexualismo e a masturbação

No capítulo 38 do Livro do Gênesis, versículos 6 a 8, encontramos: “Judá escolheu para Er, o primogênito, uma mulher chamada Tamar. Mas Er, primogênito de Judá, desagradou ao Senhor, e o Senhor o fez morrer.” Perguntamo-nos o que fez Er para desagradar ao Senhor? A narrativa bíblica nos deixa sem resposta objetiva. Eis a deixa para que a narrativa de Scliar nos apresente uma resposta possível, revelando um Er homossexual, que apesar de casado com a linda Tamar, debatia-se em conflitos interiores, sem poder vivenciar a sua sexualidade.

É sabido que a homossexualidade existe desde os primórdios da história da humanidade e, por esse motivo, a explicação oferecida pela narrativa é bastante plausível. Durante a história da humanidade, assim como Er, outras pessoas foram condenadas à morte em fogueiras, prisão perpétua, tortura e até castração pela não aceitação dessa condição pela sociedade. Sabe-se que a homossexualidade era praticada por gregos e romanos, desde o início das civilizações; por outro lado, a cultura judaica valorizava a heterossexualidade por sua função procriadora. A posição judaica foi passada aos cristãos, que passaram a valorizar, acima de qualquer prática sexual, a castidade. Er desaponta as expectativas de seu pai, o patriarca Judá, e também de sua esposa Tamar.

A exploração desse tema permite pensar nas diferenças e na diversidade das situações, que quase sempre se apresentam de maneira inesperada, fazendo-nos perceber que nem tudo é o que parece ser, instigando nossos sentidos de compreensão e de questionamentos acerca de valores e crenças (ou preconceitos) enraizados ao longo de séculos. Tal compreensão talvez possa nos ajudar no aprimoramento do respeito às diferenças e diversidades.

Conforme Fischer (2004), Moacyr Scliar sempre procurou “compartilhar com o leitor sua estupefação diante da ditadura e dos conservadorismos associados, sua indignação com as restrições que partem do poder e, igualmente, *sua perspectiva libertária, em sentido amplo.*” (p. 124-125; grifo nosso)

A abordagem desse tema em *Manual da paixão solitária* surge como uma explicação plausível para que Er tenha “desagradado ao Senhor”. O que Scliar faz é preencher as entrelinhas do relato bíblico com um motivo que se justifica plenamente se considerarmos os registros encontrados na história sobre esse tema.

A abordagem do tema, no texto de Scliar, fica mais leve quando passa a ser feita pela personagem Tamar. Essa leveza pode ser notada, por exemplo, em passagens como essa em que Tamar refere-se à barba de Er:

A barba de Er era uma barba de adolescente, rala, um tufo de pelos aqui, outro ali; tufos isolados, talvez até mantendo entre si uma relação hostil, conflituosa, um tufo dizendo ao outro: não te aproximes de mim, tufo de merda, não quero nada contigo, crescemos na mesma cara mas isso não nos torna iguais, fica na tua que eu fico na minha, ... (SCLIAR, 2008, p.149)

Essa passagem, com certa dose de humor, está carregada de uma simbologia relacionada ao tema em questão, já que a barba simboliza a virilidade, a coragem, a sabedoria<sup>1</sup>. Os tufos isolados mantendo uma relação hostil entre si podem significar a dualidade vivida por Er quanto à sua sexualidade. Quanto mais densa e vasta fosse a barba, maior a virilidade e a sabedoria do homem. Cabe também ressaltar que o Deus dos judeus e cristãos é barbado, o que por si só já carrega certa simbologia. O humor é dado pela inserção do termo “merda” e da expressão “fica na tua que eu fico na minha” não comum para a fala da época, mas que fazem parte dos recursos narrativos do autor para atualizar o texto que está na boca da Professora Diana.

É interessante perceber a evolução dada à abordagem do tema que evidencia, na ficção, as conquistas sociais conseguidas a duras penas com o passar dos anos. Seguindo uma linearidade temporal coerente, Scliar começa por abordar o tema de forma velada, condizente com o tempo da narrativa relatada por Shelá, quando Er nem sequer tem voz para assumir a sua condição homossexual. Entretanto, ao trazer a abordagem para o tempo presente, na voz de Haroldo e de Diana, as coisas mudam e Haroldo conta, sem fazer cerimônia, que assim como Er teve uma tentação homossexual: “– E, como Er, tive uma tentação homossexual... Aliás, tive até uma experiência nesse sentido. Com um servente da universidade.” (SCLIAR, 2008, p. 213)

O fato é encarado com naturalidade por Diana que, inclusive, brinca com a possibilidade de divulgação do caso, se descoberto no tempo da faculdade, ainda que os

---

<sup>1</sup> Conforme CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad. de Vera da Costa e Silva – 12 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

dois admitam ter sido bom o servente ter mantido em segredo a relação, o que evitou constrangimentos.

Assim, podemos perceber que a abordagem do homossexualismo, em razão da utilização de algumas artimanhas narrativas, ao final, mantém o ar, aparentemente, leve a respeito, revelando a coragem e o conhecimento do autor para tratar de um assunto ainda hoje envolto nos preconceitos de raízes bem antigas. Por outro lado, essa abordagem também permite vislumbrar, por trás do humor irônico, um distanciamento em relação ao ponto de vista da narração, diante do que não pode ser diferente.

Outro tema polêmico abordado por Scliar é o da masturbação, praticada por muitos, sempre de maneira velada, pois a sua prática sempre foi tida como pecaminosa ou reveladora de distúrbios de personalidade.

A *Bíblia* nos revela a importância da perpetuação da espécie e do aumento da prole para os patriarcas. Assim sendo, podemos supor que as práticas sexuais que não se enquadravam neste contexto eram discriminadas, permanecendo ainda hoje resquícios desse dilema. A finalidade da atividade sexual era a procriação, assim como a finalidade fundamental do alimentar-se era sustentar a vida. Portanto, a eliminação do sêmen em práticas sexuais que não obedeciam a este princípio fundamental tornou-se pecado mortal, como se pode verificar no trecho a seguir:

Então Judá disse a Onan: “Une-te à mulher de teu irmão para cumprir a obrigação de cunhado e assegurar uma descendência para teu irmão”. Mas Onã sabia que o filho não seria seu e, quando se juntava com a mulher do irmão, derramava o sêmen na terra, para não dar descendência ao irmão. Desagradou ao Senhor o que Onan fazia e o fez morrer também. (Gn 38, 8-10)

Nessa passagem da *Bíblia* fica claro o motivo porque Onan desagradou ao Senhor. A sua prática foi condenada e, a partir deste relato, originou-se o termo “onanismo”. O personagem bíblico deveria cumprir com a tradição do levirato, mas, inconformado, prefere derramar seu sêmen na terra ao invés de ejacular dentro da vagina de Tamar. Tal prática é definida pela medicina como “coito interrompido”, mas o ato de ejacular fora da vagina também pode ocorrer na masturbação, por isso muitos dicionários ainda definem os termos como sinônimos. A passagem bíblica está de acordo com a noção de pecado e com a discordância da Igreja católica para com os métodos de contracepção.

Moacyr Scliar constrói a sua narrativa em *Manual da paixão solitária*, considerando temas polêmicos não descritos no capítulo do *Gênesis*, embrião da sua trama, mas plenamente viáveis e carregados de potência para exploração. Podemos dizer que o

romancista não só dá voz a personagens caladas por outros registros, como também, corajosamente, aborda temas cercados pelo silêncio, pelo preconceito, pela mediocridade social, como é o caso do homossexualismo e da masturbação aqui enfocados.

Podemos ainda vislumbrar o movimento da hermenêutica na ação empreendida por Shelá na construção do “manual”, já que nessa ação está configurado o círculo hermenêutico em que o sujeito e o objeto se implicam mutuamente: no caso o seu objeto é a sua própria sexualidade, a qual ele procura compreender para tornar-se um ser que existe compreendendo.

A sociedade, principalmente a ocidental, fortaleceu um viés cultural no sentido de privilegiar o olhar para a *performance* sexual, relegando para um segundo plano a questão do amor na vida sexual das pessoas. O que Scliar consegue nessa narrativa é nos mostrar que a presença de Eros não necessariamente precisa estar relacionada à figura do outro, mas que está relacionada, antes de tudo, a si mesmo. A solidão e a necessidade do outro formam um paradoxo que, inexoravelmente, em algum momento da vida, se apresenta para o ser humano.

Por outro lado, o método autoerótico é revelado pelo narrador como “um jeito simples e eficiente de fazer sexo prescindindo de outras pessoas, evitando conflitos e agressões, choro e ranger de dentes.” (SCLIAR, 2008, p.139), ou seja, a solidão poderia ser um antídoto contra o sofrimento, evitando o envolvimento emocional. Contudo, há ambiguidade que cerca a totalidade da narrativa e ela não pode deixar de ser avaliada também nesse ponto. Tanto se considerarmos que o conceito de ironia mais comum é que aquele que quer dizer exatamente o contrário do que diz, quanto se considerarmos um tipo de ironia (a ironia *humoresque*), em que o objetivo é manter a ambiguidade justamente para demonstrar a impossibilidade de estabelecer um sentido claro e definitivo para os fatos.

## **2.2 A condição feminina**

No romance de Scliar, a personagem Tamar nasce do resgate de uma personagem bíblica, situada na estrutura patriarcal da antiga Israel, período em que às mulheres cabia o papel de mãe e de esposa, com total subserviência ao pai e/ou ao marido. Já Diana é uma personagem contemporânea, situada na atual cultura ocidental, independente e responsável por seus atos. Esse contraste permite perceber as transformações ocorridas de lá para cá.

Destacamos que Scliar, ao escolher Tamar, escolheu uma das poucas mulheres com atuação diferenciada das demais registradas no Livro Sagrado. Essa personagem se encaixa perfeitamente nas intenções do autor que já revelou em outros momentos, como no caso de *A mulher que escreveu a Bíblia* (1999), seu intuito de “subverter a ordem”, destacando fatos e personagens que ficaram no anonimato em outras ocasiões, dando-lhes a vez de se manifestarem.

Tamar, já no relato bíblico, é apresentada como uma personagem astuta, determinada e inteligente, que tem uma atuação privilegiada na história da sedução de Judá descrita no capítulo 38 do livro do *Gênesis* no *Antigo Testamento*. Na *Bíblia*, encontramos apenas algumas mulheres com histórias semelhantes à sua: as filhas de Ló (Gn. 19, 1-38) e o par Rute/Noemi (Rt. 1, 1-22). Essas mulheres têm em comum uma história de sedução, uma sedução por elas planejada para atingir um objetivo: nos três casos o objetivo era o de gerar um herdeiro, garantindo descendência e estabilidade social. Também são mulheres estrangeiras (Tamar é de origem canaanita, as filhas de Ló têm origem sodomita e Rute é moabita), viúvas e desamparadas que utilizam o poder da sedução, aliado a outros recursos como a bebida, o momento e o local estratégicos, para atrair os homens que poderiam lhes garantir o alcance da meta.

Scliar aproveita o fato de que Tamar é uma personagem de atitude forte para desenvolver o seu perfil em *Manual da paixão solitária*, complementando e enriquecendo o perfil da personagem bíblica com detalhes minuciosos, revelando um mundo (apenas insinuado pela narrativa do capítulo 38 do Gênesis) recheado de acontecimentos surpreendentes.

A personagem scliariana revela uma gama de sentimentos possíveis para a Tamar bíblica, tornando-se quase uma heroína. Ela enfrenta dois casamentos, ambos muito sofridos; envolve-se com os problemas dos parceiros, além dos seus próprios; busca um terceiro casamento sem obter sucesso e, ainda assim, consegue manter a serenidade para articular um bem-sucedido plano para manter a sua honra e garantir o seu futuro. Essa personagem coloca em xeque o poder patriarcal e permite uma leitura que mostra que a mulher, apesar de toda a cultura opressiva, sempre conseguiu achar formas de chegar aos seus objetivos, mesmo que à custa de sofrimento, luta e ardis.

O diferencial de Tamar está na não passividade diante dos fatos: ela tem o ímpeto de agir, de planejar e de executar. Algumas coisas ela deixa de fazer por respeito ao legado

de seu povo, “por causa da lealdade que, apesar de tudo, eu sentia para com minha gente, para com aqueles homens de longas barbas que lutavam para sustentar suas famílias, para com aquelas mulheres corajosas, ainda que de olhar triste.” (SCLIAR, 2008, p.159-160) E esse é um exemplo do orgulho que o povo judaico carrega por seus antepassados, e de como as mulheres alcançaram seus propósitos através dos tempos.

É essa mesma lealdade para com o seu povo que pode ter levado a personagem bíblica a agir astuciosamente com a finalidade de continuar a linhagem da família na qual ela havia sido inserida. A iniciativa de Tamar acaba sendo a salvação da genealogia de Judá, cujo maior temor era ficar sem os filhos. Ao gerar gêmeos, a mulher que foi a ameaça da progenitura de Judá acaba sendo a sua salvação.

O que surpreende é a ousadia do plano de Tamar, que busca agir cautelosamente, de acordo com o que lhe garante a lei, para encurralar o sogro no cumprimento dessa obrigação. A sua conduta enfoca a tenacidade feminina quando há um propósito definido. No caso de Tamar, o propósito era gerar um filho para continuar a linhagem da família à qual ela passou a pertencer pelo casamento. Tamar revelou ser uma mulher corajosa e consciente de seus direitos e de suas responsabilidades sociais. Não fosse isso, ela poderia ter procurado gerar filhos fora do clã do marido, de maneira independente, o que seria um ato de prostituição no contexto da narrativa.

Aproveitando o fato de que a história de Tamar é reveladora de um aspecto cultural importante para a modernidade, que é a questão das diferenças e da importância social de homens e mulheres, Scliar aproveita para explorar, ficcionalmente, informações de um tempo que, certamente, foi a base de muitos dos conceitos que vigoram hoje.

Prova disso, por exemplo, é o caso de Tamar que não escolheu com quem casar. Foi seu pai quem se encarregou de negociar com os pretendentes, prática que vigorou por muitos séculos: “E estava falando da oportuna e afortunada união de poderes que o casamento proporcionaria...” (SCLIAR, 2008, p.147) Essa prática ainda vigora em alguns países do mundo. No ocidente, temos resquícios dela até hoje, quando muitos ainda enxergam o casamento como uma oportunidade para agregar conveniências.

Em contraponto, temos Diana, uma mulher liberada, que passou por três casamentos, não teve filhos e é financeiramente independente. Diana mostra a transformação que a condição feminina alcançou na sociedade. As rápidas mudanças nas

relações econômicas, sociais, políticas, científicas e até discursivas estão provocando mudanças nos papéis desenvolvidos por homens e mulheres.

Diana representa, em oposição a Tamar, uma personagem que tem a posse do seu corpo enquanto ser humano e cujo destino deixa de ser atrelado ao potencial de reprodução, podendo fazer com ele escolhas livres: “tive maridos, amantes, namorados, aqui e no exterior”. (SCLIAR, 2008, p. 212) Tamar é uma personagem que tem na maternidade uma necessidade. A maternidade, na sua época, estava colocada na essência e na razão de ser mulher.

Percebe-se que as práticas sociais, instituídas em um quadro de representação e de interpretação cultural, foram fortemente alicerçadas no patriarcado que fundamentou o sistema dos gêneros em “masculino/feminino”. Tal sistema também revela uma ambiguidade para as mulheres: histórica e culturalmente carregam uma tendência para o pecado, herança de Eva, ou seja, carregam uma fraqueza física e moral; e, ao mesmo tempo, são divinizadas pela sua condição de procriação, a qual pode ser interpretada como uma forma de se redimir do “pecado original”, uma vez que assim estariam reproduzindo o humano e, principalmente, o masculino. Essa ambiguidade suscita para a condição feminina a imposição de uma constante vigilância, inclusive pela insegurança dos homens diante do poder de sua sensualidade.

Scliar menciona essa vigilância e, ao mesmo tempo, esse poder da sedução em *Manual da paixão solitária* por duas vezes. Uma, no relato de Onan, quando ele se refere ao seu jogo sexual com Tamar:

Quer me aprisionar Shelá. A vagina dela é uma armadilha, uma ratoeira. Dizem que, em regiões distantes, existem mulheres com dentes na vagina, dentes que trituram qualquer pênis. A vagina dela é pior, porque dali não se escapa, nem mesmo com o pênis devorado. Ali eu ficaria preso, e pelo resto da vida. (SCLIAR, 2008, p. 70)

A personagem Tamar buscou encontrar o prazer em cada um dos seus parceiros. Com Er teve uma grande decepção; com Onan, uma grande frustração; com Judá realmente se realizou, mas aconteceu por uma única vez.

Anteriormente, apontamos o tema da masturbação, enfocando mais detalhadamente o processo explicitado pela personagem Shelá. Pensamos que, ao abordar a condição feminina, pudéssemos retomar essa questão para a personagem Tamar que, após a maternidade, constata ainda ter aceso o desejo de prazer, de prazer sexual: “a falta de homem estava me deixando doente, e o pior é que eu não sabia o que fazer, a quem recorrer” (SCLIAR, 2008, p.204).

A personagem, no início, apresenta certa resistência ao ato masturbatório, pensando que aderir a essa prática poderia atestar sua incapacidade de atrair homens, mas depois concluiu que seria “melhor alguma forma de vida sexual, mesmo que solitária, do que sexo nenhum”. E, a partir dessa prática, revela ter conseguido maior equilíbrio para a sua vida:

Minha ansiedade diminuiu consideravelmente. Agora podia, com calma e com alegria até, cuidar da casa e de meus filhos. Fazia o que tinha que fazer e, à noite, sozinha no meu quarto, entregava-me ao sexo solitário, com muita variação em termos de parceiros imaginários: Shelá era uma presença constante, mas um rejuvenescido Judá entrava na dança, e também muitos outros homens da tribo e até viajantes que ocasionalmente passavam por ali. (SCLiar, 2008, p. 205)

Tanto quanto para Shelá, a prática autoerótica de Tamar, parece ser um ingrediente de harmonização para a vida, ao mesmo tempo em que reforça a possibilidade de paz na solidão.

### 3. Pelo viés da ironia

A ironia está naturalmente presente em nosso dia-a-dia e sua prática ultrapassa o emprego nas conversações. A palavra ironia, por si só, evoca-nos conceitos intuitivos que permitem defini-la de maneira que o seu emprego chega a nos ser familiar. Agrada-nos a comparação feita por D.C. Muecke (1995) de que “o conceito de ironia a qualquer tempo é comparável a um barco ancorado que o vento e a corrente, forças variáveis e constantes, arrastam lentamente para longe de seu ancoradouro.” Ressaltamos que priorizamos a abordagem desse autor para explorar a ironia como uma ferramenta teórica que permitirá refletir sobre alguns aspectos de *Manual da paixão solitária*.

Em Moacyr Scliar podemos citar a ironia como um dos elementos fundamentais do estilo, da estrutura e do conteúdo de sua produção. Parece-nos que, para ele, a ironia é uma forma de escritura destinada a deixar aberta a questão da significação. Com ela o autor garante o distanciamento necessário do narrador ou dos narradores, de forma que ao dizer algo consiga ativar não uma interpretação, mas uma série de interpretações possíveis e, muitas vezes, subversivas.

Da mesma forma, podemos supor que a interpretação que Scliar faz dos textos bíblicos, alguns dos quais ele explora em sua produção literária, está impregnada de uma leitura já irônica. Parece-nos que ele se vale do contraste entre uma realidade e uma aparência, traço básico da ironia, para erguer a sua interpretação e as suas recriações, sem nenhum compromisso com a noção de verdade. Ao mesmo tempo, é possível inferir que essa ironia identifica-se com a ironia *humoresque* (aquela que provoca o riso) ou de

segundo grau, na medida em que percebemos que, na maioria das vezes, o que Scliar quer não é estabelecer um sentido claro e sim manter a ambiguidade e demonstrar a impossibilidade de apontar sentidos definitivos. Muecke (1995) a denomina de ironia geral, mostrando que ela emerge da consciência de que a vida está em desacordo consigo mesma e com o mundo, sendo o homem uma vítima do universo.

A atmosfera irônica é instalada já no início e determinará a estrutura de toda a obra, marcando a tonalidade discursiva adotada pelo autor que, em muitos momentos, realiza uma aproximação entre a ironia e as várias formas de manifestação do humor na literatura.

O humor está relacionado com o riso e o homem é o único animal capaz de rir, segundo afirmam estudiosos do riso. Duarte (2006, p. 51) explica o riso pela sensação de superioridade diante do risível, assim, “o riso relaciona-se com a tragicidade da vida, mas também com a capacidade de distanciamento: o prazer de pensar, o gosto do engano e a possibilidade de subverter provisoriamente, através do jogo, a condenação à morte e a tudo aquilo que a representa.” Essa superioridade, ainda que ilusória, guarda semelhanças com o distanciamento provocado pela postura irônica; quando provocado pelo humor, ao contrário, volta-se para o próprio eu e para seus costumes, suas crenças, etc. Dessa forma, uma das manifestações do humor, presentes na obra de Scliar, refere-se à questão do humor judaico, capaz de rir de si mesmo e de zombar das situações difíceis pelas quais os judeus passaram no decorrer dos séculos. É um tipo de humor carregado de melancolia presente, presente nas obras do autor, inclusive nas de conteúdo dramático; é o tipo de humor que leva ao sorriso meia-boca e não ao riso folgado e que, às vezes, está carregado de uma desconcertante autoironia.

Assim, podemos dizer que, em Scliar, a questão do riso e do humor são uma consequência da escolha da ironia como elemento estruturador do texto, o qual permite desnudar aspectos culturais, sociais e até estéticos, encobertos por discursos menos críticos, no caso dos textos bíblicos. O riso provocado pelo humor, ou pela ironia *humoresque* tem a função de desmistificar a ideologia dominante, brincando com as verdades cristalizadas, a partir do princípio de que nada é fixo ou imutável: “o riso pode assim proporcionar um prazer mais sutil, porque se superpõe ou porque escapa às limitações do ser humano.” (DUARTE, 2006, p. 58)

A ambiguidade e o distanciamento provocados pelo discurso irônico mostram que pode ser em vão uma tentativa de capturar o sentido, pois a intenção é justamente dispersá-

lo. Não existe, assim, por parte do autor, nenhum compromisso com as verdades estabelecidas; o importante é colocá-las todas sob suspeita.

Além disso, Scliar utiliza a ironia como estratégia de linguagem que, participando da constituição do discurso, mobiliza diferentes vozes, instaurando a polifonia e também sendo determinada por ela. Através do jogo entre o real e o ficcional, o autor aborda temas polêmicos, apresentando personagens e situações que vão exigir, além do riso, a reflexão por parte do leitor. A narrativa em questão, assim como outros textos scliarianos, traz uma crítica implícita às instituições, aos costumes e aos valores sociais, misturando o real e o ficcional e oferecendo a ironia como ferramenta para a interpretação do seu conteúdo e de sua forma.

Cabe-nos, por fim, revelar a descoberta de um autor muito profundo, camuflado em um texto que pode parecer ao leitor desatento ou menos dado a reflexões sobre o que lê, apenas um texto de agradável leitura e de muita criatividade. O processo cognitivo empreendido por Scliar na organização do romance é bastante complexo. A agradabilidade do texto disfarça a montagem de personagens complexos, com uma bagagem filosófica e com consciência existencial, ao mesmo tempo em que revela situações inteligentes de vivência de experiências, todas serpenteadas pela ambiguidade, o que permite ao leitor refletir e ao mesmo tempo ampliar o conhecimento de si, do outro e do mundo.

## Referências

ABDO, Carmita. *Sexualidade humana e seus transtornos*. São José do Rio Preto: Ed. Lemos, 2000.

BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.

\_\_\_\_\_. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

\_\_\_\_\_. *Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis: Vozes, 2008.

BÍBLIA SAGRADA. Edição da Família. 50 ed., Ed. Vozes, 2005.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7 ed. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERND, Zilá & ZILBERMAN, Regina (org.). *O viajante transcultural: leituras da obra de Moacyr Scliar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. Trad. Vera da Costa e Silva – 12 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

DUARTE, Lélia Parreira. *Ironia e humor na literatura*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas; São Paulo: Alameda, 2006.

FORSTER. E. M. *Aspectos do romance*. Porto Alegre: Editora Globo, 1974.

GAI, Eunice Terezinha Piazza. *Sob o signo da incerteza: o ceticismo em Montaigne, Cervantes e Machado de Assis*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 1997.

GASPERINI, Maria Inês Pagano. *Masturbação*. Instituto Brasileiro Interdisciplinar de Sexologia e Medicina Psicossomática. Revista nº 34.

GENETTE, Gerard. *A narrativa e o seu discurso*. Trad. Maria Alzira Seixo. Lisboa: Veja, s/d.

GUIMARÃES, Lealis Conceição. *A ironia na recriação paródica em novelas de Moacyr Scliar*. 245 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de São Paulo – UNESP, São Paulo, 2005.

HEINEMANN, U.R. *Eunucos pelo reino de Deus*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1988.

MARSTERS, W.; JONHSON, V. E. *A conduta sexual humana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

MUECKE, D. C. *Ironia e o irônico*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

PALMER, Richard. *Hermenêutica*. Trad. Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1986.

PINTO, Enio Brito. *Sexualidade e solidão*. Instituto Brasileiro Interdisciplinar de Sexologia e Medicina Psicossomática. Revista nº 22.

Ricoeur, Paul. *Interpretação e ideologias*. Org., trad. e apresentação de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

\_\_\_\_\_. *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Trad. de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1977.

\_\_\_\_\_. *Existência e Hermenêutica*. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1978. (p.7-26)

\_\_\_\_\_. *Teoria da Interpretação*. Trad. de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1999.

\_\_\_\_\_. *Hermenêutica e ideologias*. Org., trad. e apresentação de Hilton Japiassu. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

SCLIAR, Moacyr. *Os melhores contos de Moacyr Scliar*. São Paulo: Global, 1984.

\_\_\_\_\_. *A balada do falso Messias*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. *A mulher que escreveu a Bíblia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. *Contos reunidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. *Os vendilhões do Templo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *Manual da paixão solitária*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Hermenêutica: arte e técnica da interpretação*. Trad. Celso Reni Braida. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003.

SWAIN, Tania. *Meu corpo é um útero? Reflexões sobre a procriação e a maternidade*. In *Maternidade e feminismo: diálogos interdisciplinares*. Org. Cristina Stevens. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007.

SOUZA, Ronald de Melo e. *Introdução à poética da ironia*. Linha de Pesquisa, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 1, p. 27-48, outubro/2000.

TACCA, Oscar. *As vozes do romance*. Coimbra: Almedina, 1983.

TILLICH, Paul. *A coragem de ser*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1967.

TODOROV, T. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

ZILBERMAN, Regina. Entrevista com Moacyr Scliar: *Do Bom Fim para o mundo*. WebMosaica, Revista do Instituto Marc Chagall, v.1, n.2 (jul-dez) 2009.

---

\* Artigo recebido em 30 de março de 2013 e aprovado em 12 de dezembro de 2013.

\*\* Professora no Mestrado e no Departamento de Letras da UNISC.

\*\*\* Mestre em Letras – Leitura e Cognição pela UNISC – Universidade de Santa Cruz do Sul. Dissertação defendida em maio de 2011. Bolsista do Programa de Bolsas Institucionais para Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu da UNISC, em 2010.